

AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA HEGEMONIA GLOBAL

Leonardo Faria de Mattos¹

Raphaella da Silva Dias Costa²

GEOPOLÍTICA

Resumo

Historicamente, o Ártico apresenta-se como uma fronteira natural à permanência humana e ao exercício militar, devido aos desafios impostos por suas condições ambientais extremas. Recentemente, a região tem recebido atenção da grande mídia face às mudanças climáticas as quais têm trazido consequências visíveis ao ecossistema. Não obstante, estas transformações no cenário regional refletem também novas estratégias geopolíticas adotadas pelos grandes atores mundiais, intra e extra regionais, que passam a encabeçar novos projetos políticos e econômicos. O limite geográfico começa a ser superado e novos atores adentram ao cenário ártico. A Rússia e os Estados Unidos, acompanhados mais recentemente pela China, evidenciam uma disputa de poder constante em uma arena geopoliticamente estratégica.

Palavras-chave: Ártico, Fronteira, Geopolítica.

Abstract

Historically, the Arctic presents itself as a natural frontier for human permanence and military exercise, due to the challenges faced by its extreme environmental conditions. Recently, the region has received attention from the mainstream media in face of the climate change, which has brought visible consequences to the ecosystem. Nevertheless, these transformations in the regional scenario also reflect new geopolitical strategies adopted by the great global actors, intra and extra regional, who start to head new political and economic projects. The geographical boundary begins to be overcome and new actors' step into the Arctic scenario. Russia and the United States, most recently accompanied by China, constitute a constant power struggle in this geopolitically strategic arena.

Key words: Arctic, Frontier, Geopolitics.

Introdução

Historicamente, o Ártico é considerado uma fronteira natural em termos de atuação política devido, principalmente, às suas características geográficas e climáticas

¹ Mestre em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança (UFF). Encarregado do Setor de Geopolítica da Escola de Guerra Naval – Rio de Janeiro, Brasil. lfmatto@gmail.com

² Graduanda em Relações Internacionais (UFRJ) e Geografia (PUC-Rio). Núcleo de Avaliação da Conjuntura, Escola de Guerra Naval – Rio de Janeiro, Brasil. raphaellacosta21@gmail.com

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

que se apresentam como um desafio para a permanência e o desenvolvimento dessas estratégias na região. Por outro lado, a compreensão moderna acerca dos limites geográficos é reinterpretada e entendida não mais como uma barreira que permite a diferenciação dos espaços. As fronteiras entre os Estados tornam-se cada vez mais “porosas”, expandindo os fluxos econômicos e políticos internacionais (GRINYAEV, MEDVEDEV, 2019).

O caso contemporâneo do extremo Norte do planeta é um exemplo dessa nova fluidez na interpretação de tais limites entre Estados. Trata-se hoje, de uma região com interesses globais, na qual a Rússia é o Estado historicamente hegemônico, possuindo a maior extensão de costa no Oceano Ártico, além de um progressivo desenvolvimento de tecnologia e pessoal capacitado, o que tem contribuído para a expansão e a consolidação de sua atuação.

Ao mesmo tempo, uma crescente competição é gerada dentro do cenário da região com o progressivo interesse e constante atuação dos Estados Unidos, enquanto um dos atores competitivamente mais fortes para com o poderio russo, decorrendo daí a maior participação e presença de Estados, que por sua vez, não são considerados geograficamente pertencentes ao Ártico, como é o caso da China. Esta proclama-se um “Estado próximo” à região, fazendo parte do grupo de treze países que são Observadores do Conselho do Ártico, representando uma expansão dessa fronteira geográfica e um alargamento de sua identidade. Desta forma, o envolvimento das diferentes políticas nacionais na região permite a transformação de seu espaço.

Paralelamente, as modificações no cenário ártico são também apresentadas em termos ambientais. Em 20 de junho de 2020, a temperatura na Sibéria atingiu a marca dos 38°C na cidade de Verkhoyansk, na Rússia, cerca de 18°C a mais do que a média para a região no mês de junho. Estes dados representam, portanto, consequências para o ecossistema local, que passa a apresentar um crescente derretimento da cobertura de gelo no decorrer dos anos, conforme registram estudos desenvolvidos pela National Snow and Ice Data Center, da Universidade do Colorado, Estados Unidos. Os dados coletados pelo referido centro de pesquisa ilustram que o Oceano Ártico expandiu sua área de 7,51 milhões km² para 330 mil km² em 15 de julho de 2020, apresentando variação inferior à média recorde obtida em índices na mesma data no ano de 2011.

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

Ao mesmo tempo, estas mudanças climáticas trazem consequências políticas e econômicas ao cenário do Ártico. A principal alteração é o tráfego de embarcações que já é mais intenso através da *Northern Sea Route*, devido ao maior descongelamento da calota polar na região o que, em breve, proporcionará a livre circulação por esta via em um período mais longo no decorrer do ano. Dados têm ilustrado que ao longo da passagem o volume de carga transportado em 2019 aumentou significativamente quando comparado a outros anos, atingindo o marco de 31,5 milhões de toneladas. Em 2018, por sua vez, os mesmos índices foram de 19,7 milhões e em 2017, de 10,7 milhões de toneladas ao ano. Dessa forma, tem-se como realidade a intensificação da realização de transportes comerciais através do extremo Norte do planeta, permitindo a projeção de uma presença ainda mais intensa nos próximos anos (CHNL INFORMATION OFFICE, 2019).

Assim, o presente artigo visa analisar o aumento da importância do Ártico como um espaço de disputas geopolíticas, um tema ainda pouco debatido pela academia brasileira. Após um breve histórico sobre a região, serão ainda apresentados o desenvolvimento econômico a partir de influências da China, Estados Unidos e Rússia enquanto lideranças das principais ações estratégicas atuantes no cenário ártico, além da expressão militar destas nações que buscam esforços para o desenvolvimento de tecnologia e pessoal capacitado que proporcionem a permanência de suas forças militares no extremo Norte do planeta. Não obstante, a discussão é permeada pelas mudanças climáticas, aliadas às transformações no cenário geopolítico da região, anteriormente dominado de forma hegemônica pelos russos, nação que hoje considera seu poder e liderança ameaçados frente à participação de novos atores nessa questão regional.

Breve histórico

Historicamente, o Ártico é conhecido pelo congelamento sazonal de seu oceano, pela ocorrência da Aurora Boreal e do Sol da meia-noite, fenômenos naturais que sempre atraíram a atenção da humanidade. Não obstante, há indícios de que a região tenha abrigado uma população indígena há pelo menos 30.000 anos. Ainda hoje, as populações tradicionais têm o Círculo Polar Ártico como sua morada e, em um movimento de

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

resistência, se mantêm em um ambiente político de disputas entre grandes poderes nacionais.

A nomenclatura “Ártico” tem origem na palavra grega *Arktos* que significa ‘urso’, em referência à constelação da Ursa Maior que circunda o céu do Polo Norte. No século IX, houve o primeiro registro de navegação das populações Vikings ao redor do Círculo Polar Ártico, quando da colonização do Sul da Groenlândia. No século XII, a Rússia iniciou sua exploração e colonização de regiões da Sibéria, conquistando por completo este território ao final do século XVII.

Além disso, o crescimento da exploração da região ocorreu no século XVI, a partir das navegações de esquadras europeias. Britânicos, Dinamarqueses, Holandeses, Noruegueses e Russos objetivaram durante quatro séculos encontrar uma passagem marítima para o Oceano Ártico por meio do Oceano Atlântico, como forma de encurtar as distâncias comerciais. Como resultado, houve a perda de diversas tripulações que não apresentavam a tecnologia e o conhecimento necessários para a sua permanência em um ambiente hostil devido ao frio extremo e às condições climáticas desafiadoras. Ainda assim, estas expedições foram historicamente relevantes para o conhecimento humano acerca da região.

No século XVIII, o Ártico foi marcado pela entrada de um novo ator em seu cenário de exploração. Em 1867, houve a assinatura do Tratado do Alasca, no qual os Estados Unidos compraram essas terras da Rússia por US\$ 7,2 milhões à época, cerca de US\$ 106,3 milhões hoje. Tal aquisição permitiu que os estadunidenses obtivessem acesso direto ao Círculo Polar Ártico e à região mais ao norte do Pacífico tornando-os mais um ator nas latitudes boreais do planeta e, ao mesmo tempo, retirou a presença russa da América do Norte.

Além disso, diversos pensadores visando os interesses nacionais elaboraram teorias a respeito da divisão do Oceano Ártico entre as nações da região. Dentre eles, tem-se o Senador Pascal Poirier (1852-1933, *apud* PHARAND, 1988), que ao discursar em 1907 a respeito da questão da soberania canadense sobre as ilhas ao Norte do país, estabeleceu a Teoria dos Setores enquanto uma alternativa para o parcelamento da cobertura de gelo com baixa densidade demográfica, caracterizada por uma ocupação pouco efetiva. A ideia consistiu na projeção dos meridianos de longitude desde as

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

fronteiras dos respectivos Estados, cruzando o oceano e a superfície de gelo, em direção ao Polo Norte, resultando na divisão do Ártico entre essas nações.

Em relação a anos posteriores, tem-se que, em 9 de fevereiro de 1920, foi assinado em Versalhes, na França, o Tratado de Svalbard (Royal Ministry of Justice, 1920), arquipélago então denominado de Spitsbergen, por meio do qual a Noruega estabeleceu a plena administração e legislação das ilhas. No mais, o país concedeu livre acesso econômico e direito às nações signatárias, além da permanente desmilitarização de suas terras, uma vez que apenas os noruegueses poderiam utilizar a região como base militar. O acordo, ainda em vigor, apresenta a situação relativa ao direito dos mares e sua exploração como um dos pontos de conflito em relação aos interesses de outras nações signatárias. De acordo com a Noruega, o país seria soberano nas doze milhas constituintes das águas territoriais, além das duzentas milhas náuticas que caracterizam a Zona Econômica Exclusiva, tendo total controle e domínio sobre a pesca, exploração de petróleo e gás na região, o que desde então tem gerado insatisfações em outros países uma vez que a exploração dos recursos locais também lhes é estratégica e economicamente favorável.

Ainda que seja caracterizado por um cenário árduo e pouco convidativo, o Ártico foi decisivo no campo da geopolítica ao final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). À época e como estratégia de guerra, houve a necessidade de encurtamento das distâncias para o transporte de armas e suprimentos, a instalação de pistas de pouso e infraestrutura de estações de rádio que possibilitaram uma melhor comunicação em toda a região.

Não obstante, durante a Guerra Fria (1947-1991), devido à favorável proximidade geográfica, houve a instalação de mísseis e bombas de longo alcance, além de forças militares, tanto dos Estados Unidos, como da então União Soviética, as duas maiores frentes de conflito. Assim, a região se tornou novamente um ponto estratégico ao considerar a disputa de forças entre as duas nações no sistema internacional. Como resultado, houve o legado para o desenvolvimento científico sobre a região a partir de um mapeamento avançado acerca de sua geografia, permitindo a inauguração de um novo cenário geopolítico.

Desde então, o Ártico é visto como um espaço de disputas geopolíticas, sendo relevante para nações intra e extra regionais no que diz respeito a exploração de recursos

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

e localização geográfica, além de reivindicações e disputas de soberania sobre seus oceanos. Desta forma, houve o reconhecimento da necessidade de melhor regular a jurisdição sobre os mares e seus recursos, a partir de uma mudança da perspectiva mundial e do desenvolvimento e inserção de tecnologias que transformaram as relações humanas com os oceanos. Em 1982, no entanto, houve uma mudança na compreensão acerca da soberania e territorialização das águas internacionais. A Teoria dos Setores de Poirier foi então substituída pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM) para fins da resolução de questões a respeito das fronteiras marítimas no Ártico e em outras regiões mundiais.

A definição acerca do conceito de mar territorial tornou-se uma das principais medidas em relação à resolução de conflitos internacionais versando a navegação de mares e estreitos, considerando também a possibilidade de extensão das plataformas continentais, isto é, o leito e o subsolo das áreas marítimas. Aos Estados costeiros foi concedido o direito de doze milhas náuticas (22 km), classificadas enquanto plataforma continental destes além-mar, estabelecendo-se assim seus limites de mar territorial.

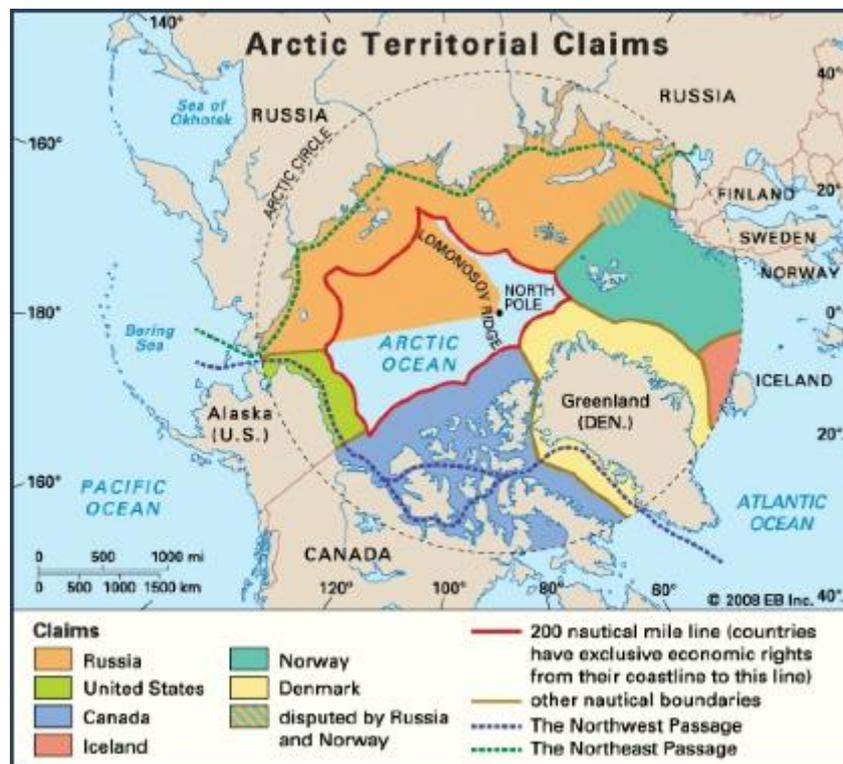
Não obstante, considera-se também a permissão da exploração de Zona Econômica Exclusiva (ZEE), sendo esta definida como a área de duzentas milhas náuticas (370 km) a partir da linha de base continental. Paralelamente, considerou-se a possibilidade do estabelecimento de uma ampliação dos direitos marítimos das nações a partir de uma extensão da Plataforma Continental para além das duzentas milhas náuticas, como um prolongamento do território nacional, mas, tão somente quando da consideração daquele fator.

A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM) foi estabelecida como um instrumento jurídico de ampla aceitação, também aplicável à região ártica, que sanou questões marítimas importantes referentes às fronteiras territoriais das nações sobre os oceanos. Dentre os Estados que defrontam o Ártico, Canadá, Dinamarca, Noruega e Rússia são alguns dos signatários deste acordo que, no entanto, não foi ratificado pelos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, se por um lado os Estados não-árticos temiam que a existência de um acordo para a região prejudicasse o estabelecimento de seus interesses geopolíticos no extremo Norte do planeta, por outro, as nações fronteiriças ao Oceano Ártico confortaram-se anteriormente à convenção

**AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL**

devido ao não engessamento jurídico das possibilidades de atuação econômica, política e militar sobre as águas árticas (SILVA, 2014).

Figura 1 – Mapa das reivindicações territoriais no Ártico



Fonte: The Maritime Executive, 2016

Além disso, tendo como objetivo fundador a cooperação científica e o desenvolvimento sustentável da região, em 19 de setembro de 1996 foi assinada a Declaração de Ottawa para o estabelecimento do Conselho do Ártico, cuja secretaria está localizada na cidade de Tromsø, Noruega, desde 2013. Formado por oito países-membros com territórios no Círculo Polar Ártico, dentre eles Canadá, Estados Unidos, Finlândia, Islândia, Noruega, Rússia e Suécia, a organização também inclui a participação de Estados-observadores. Ainda que estes não tenham porções de terras no extremo Norte do planeta, Alemanha, China, Coreia do Sul, Espanha, França, Holanda, Índia, Itália, Japão, Polônia, Reino Unido, Singapura e Suíça apresentam interesses estratégicos relevantes para as disputas de poder e, assim, justifica-se a aproximação do conselho regente da região.

**AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL**

Não obstante, é importante ressaltar que uma considerável parcela do Ártico é habitada por povos indígenas, representando uma população absoluta de cerca de 500.000 habitantes em uma região de 4 milhões de pessoas. Desta forma, os povos Aleutas, Athabaskas, Gwich'in, Inuites, Sami e a Associação Russa de Povos Indígenas do Norte representam a resistência da história local às recentes mudanças no cenário mundial, tendo recebido o status de Participantes Permanentes do Conselho do Ártico com plenos direitos em questões relativas ao extremo Norte do planeta (ARCTIC COUNCIL, 2020).

Desta feita, torna-se relevante a análise dos interesses geopolíticos dos chineses no Ártico, um dos atores de aproximação recente, mais expressivos. Ainda que as estratégias do país tenham sido estabelecidas de forma mais objetiva nos últimos anos, a presença da China na região data de 1999, quando as primeiras expedições lá chegaram. Em 2004, por sua vez, Pequim adotou como estratégia a permanência no Ártico sob a égide do desenvolvimento científico. Assim, houve a construção da primeira estação chinesa de pesquisa no extremo Norte do planeta, nomeada *Yellow River Station*, no Arquipélago de Svalbard, Noruega. Em 2018, foi inaugurada a segunda estação de pesquisa, dessa vez na Islândia, a *China-Iceland Arctic Research Observatory*.

O atual interesse internacional sobre o Ártico é acentuado a partir das disputas entre Estados Unidos e Rússia pelo desenvolvimento de tecnologias e pessoal capacitado para que o domínio estratégico sobre a região seja possível. Em 2 de agosto de 2007, os russos instalaram uma bandeira do país no fundo do mar que circunda o Polo Norte. O mergulho foi uma ação de cunho simbólico a fim de demarcar a reivindicação governamental russa sobre quase metade do leito marinho do Oceano Ártico, considerando a potencial existência de petróleo e outros recursos no local. A Rússia que já havia apresentado uma reivindicação ao domínio de parte da região a Comissão de Limites da Plataforma Continental da Organização das Nações Unidas em 2001, não teve seu pedido aceito sob a justificativa de não ter apresentado dados suficientes e disponíveis que pudessem apoiá-la (CHIVERS, 2007).

Enquanto isso, a China, porquanto um ator extrarregional, estabeleceu seus interesses em uma aproximação da região a partir da divulgação de sua política para o Ártico em 2018 por meio da qual proclamou-se “Estado-próximo” ao Conselho do Ártico. O olhar de Pequim sobre o extremo Norte do planeta está voltado para benefícios

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

econômicos e estratégicos, uma vez que as trocas comerciais do país com o continente europeu tenderão a ser mais rápidas e baratas. Não obstante, os chineses desenvolvem novos navios quebra-gelos, incluindo um de propulsão nuclear, para expandir sua frota de duas embarcações operantes, assim também de pessoal capacitado a fim de firmar a permanência e desenvolvimento regionais do país.

As recentes aproximações estratégicas justificadas pelos crescentes interesses de outras nações pelo Ártico demonstram a importância geopolítica que a região vem agregando à sua posição no cenário mundial. Novos atores e discussões tornam o extremo Norte do planeta um palco de conflitos, cooperações e disputas entre relevantes e influentes poderes políticos que prometem penetrar as discussões globais nos anos a posteriori. Além disso, torna-se importante ressaltar que a região é alvo também de interesses econômicos devido aos seus recursos e novas possibilidades de rotas marítimas de extremo interesse para as diferentes nações que se utilizam destes mecanismos para a expansão de seus mercados internacionais.

Expressão econômica

Atualmente, os olhares internacionais sobre o extremo Norte do planeta representam interesses econômicos e políticos aliados à localização geográfica estratégica que a região apresenta nas projeções cartográficas. Estudos comprovam que as distâncias entre as cidades de Londres, Reino Unido, e Yokohama, Japão, a partir da utilização das Passagens do Norte e Nordeste do Oceano Ártico estendem-se em, 15.700 km e 13.841 km, enquanto que o mesmo destino utilizando-se o Canal de Suez ou o do Panamá apresentam 21.200 km e 23.300 km, respectivamente (LASSERE; PELLETIER, 2011).

Estas mudanças nas perspectivas internacionais estão diretamente associadas às mudanças climáticas que representam transformações visíveis e relevantes para a organização espacial da região. Os verões de temperaturas mais elevadas refletem uma consequente extensão do período de descongelamento das águas do Oceano Ártico que, como resultado, vivencia um novo momento internacional de competição entre atores intra e extra regionais que visam o benefício econômico que a liberação destas águas

**AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL**

representa para as suas economias, apoiadas nas reduções de tempo e custos dos transportes transcontinentais.

Outrossim, os interesses estrangeiros no Ártico estão diretamente ligados aos potenciais recursos naturais da região que terão sua exploração ainda mais acentuada devido a abertura mais prolongada das rotas de navegação, principalmente no que diz respeito à Passagem do Nordeste. As prospecções de petróleo e gás foram iniciadas pelos russos ao final de 2018, quando a empresa russa de energia Novatek finalizou a construção da instalação industrial mais ao norte do mundo: Yamal LNG, uma usina de gás liquefeito na costa leste da Península de Yamal, rica nesse elemento. No entanto, extensos depósitos de hidrocarbonetos já haviam sido descobertos na década de 1960 nos campos de Tazovskoye, na Sibéria, e Prudhoe Bay, no Alasca. Os interesses econômicos do país na região são determinantes, uma vez que os recursos nesta representam cerca de 11% da renda nacional russa (KONYSHEV; SERGUNIN, 2012).

Para o presidente Vladimir Putin, Sabetta, uma pequena comunidade na tundra russa, se tornou um dos grandes pilares para as trocas comerciais e a logística do mercado internacional. A perspectiva da concentração de cerca de um quinto do petróleo e gás restantes no planeta e a sua viabilidade ante os baixos custos de extração relativos atrai investidores. Estudos revelam que estas reservas estariam localizadas *offshore*, ou seja, nas extensas plataformas continentais árticas, podendo potencialmente constituir a maior área geograficamente inexplorada de petróleo remanescente na Terra. No entanto, os esforços para o desenvolvimento da indústria de óleo e gás no Ártico ameaçam as mudanças climáticas na região que já apresenta um derretimento significativo da camada de *permafrost* (COUNCIL ON FOREIGNER RELATIONS, 2013).

Além disso, a abertura prolongada do Oceano Ártico a partir de seu derretimento progressivamente acentuado devido às mudanças climáticas fornece benefícios consideráveis à economia russa. Por possuir a maior extensão de costa contígua ao extremo Norte do planeta dentre as demais nações árticas, a Rússia almeja ganhos consideráveis a partir da liberação da Passagem Nordeste, permitindo uma conexão mais rápida e barata entre os principais portos asiáticos e europeus, projetando a expansão e o crescimento do país economicamente intra e extra regional.

**AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL**

Não obstante, nações como a China buscam o benefício de suas políticas para com a região a partir das mudanças climáticas. Pequim, principalmente, se aproxima estrategicamente do Ártico devido à sua localização geográfica e aos benefícios que o prolongamento da abertura das rotas marítimas trará às respectivas economias. Apesar de a China historicamente se apresentar enquanto uma potência terrestre, nas últimas duas décadas o país tem desenvolvido capacidades navais significativas. Em 26 de janeiro de 2018, os chineses formularam o documento sobre a política da China no Ártico, no qual intitularam-se como um "estado próximo" à região, como mencionado na seção anterior.

A abertura de rotas que cruzam o Oceano Ártico representa uma conexão mais rápida com portos ocidentais, principalmente aqueles localizados nos países europeus, anteriormente realizada pelo Estreito de Bering. A redução no tempo de deslocamento entre os continentes faz diminuir os custos com os fretes, acelerando as trocas comerciais, tornando vantajosa principalmente à produção chinesa e ao projeto da “Rota da Seda Polar”. Estas alterações nos fluxos já podem ser constatadas uma vez que apenas no primeiro semestre de 2020 houve o tráfego de 14,5 milhões de toneladas de mercadorias na rota marítima russa no extremo Norte do planeta. Ao mesmo tempo, surgem consequências negativas, visto que os intensos fluxos aumentam o risco de acidentes e interferem no equilíbrio dos habitats marinhos sensíveis na região. A intensificação de atividades no setor petrolífero também é motivo de preocupação com o Ártico, diante da crescente prospecção de gás, especialmente na Península de Yamal, realizada pela Rússia em parceria com a China e a França, contribuindo com o aumento do tráfego na *Northern Sea Route* (STAALESEN, 2020).

Em 19 de maio de 2020, o navio “Christophe Margerie” operado pela empresa de navegação russa Sovcomflot e parte de um conjunto de quinze embarcações que atendem o projeto Yamal LNG, transportou gás natural liquefeito desde a usina de Sabetta, na província de Yamal, ao porto chinês de Jingtang, onde desembarcou em 9 de junho de 2020. O traslado, realizado a leste da *Northern Sea Route* e muitas vezes sem o auxílio de uma embarcação quebra-gelo, representa um marco inaugural de uma nova etapa das trocas comerciais e de uma série de transportes, cujos destinos são os portos asiáticos, aumentando a presença de outras nações no extremo Norte do planeta.

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

No que diz respeito ao desenvolvimento econômico na região, os Estados Unidos encontram a falta de infraestrutura ártica como o maior obstáculo ao investimento em energia. No Alasca se tem instalado o Oleoduto Trans-Alasca e, ao mesmo tempo, se beneficia de algumas rotas marítimas para o transporte de energia. No entanto, durante muitos anos, a prospecção de petróleo no Ártico não era vantajosa aos estadunidenses uma vez que as reservas encontravam-se longe dos mercados.

Recentemente, houve a mudança desta perspectiva econômica, uma vez que as reservas energéticas, aliadas às mudanças na perspectiva global a respeito das estratégias sobre o Ártico prometem alterar as dinâmicas de mercado mundialmente. Desta feita, em agosto de 2020, a administração do presidente Donald Trump avançou em direção ao desenvolvimento da prospecção de óleo na Reserva Nacional de Petróleo, localizada no Alasca. As perfurações no leito marinho ao longo da costa serão realizadas pela empresa ConocoPhillips que, com esforços, busca reviver a decadente economia estadunidense no Ártico. O enorme projeto, portanto, promete fortalecer mais uma frente de investimentos estadunidenses no extremo Norte do planeta, aliado às buscas por tecnologia e pessoal capacitado para a permanência militar na região (DEMARBAN, 2020).

Expressão militar

A expansão da militarização do Ártico está associada ao acirramento da competição pelo controle da região. As grandes potências têm expandido nos últimos anos a presença de suas forças militares, principalmente a partir de um maior número de embarcações e tecnologias estadunidenses, norueguesas e russas desenvolvidas na melhor atuação e permanência no extremo Norte do planeta. Esta expansão ocidental tem por objetivo o treinamento de pessoal capacitado para enfrentar as condições desafiadoras do inverno polar.

Para a reflexão a respeito de segurança é necessário a conceituação acerca de território. O pensador alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), considerado o fundador da Geografia Política, estabeleceu o entendimento a respeito do Estado como uma instituição de elo entre povo e território. Este seria entendido enquanto um organismo biológico cuja capacidade de sobrevivência no sistema político internacional está diretamente vinculada

***AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL***

aos territórios controlados e ao aparato estatal que possibilita a expansão territorial de uma nação. A referida ampliação do poderio de um país estaria diretamente relacionada a necessidade de sobrevivência em uma escalada do crescimento demográfico, além de ser imprescindível considerar a necessidade de estabelecimento de força e influência regionais. Segundo o autor, a teoria a respeito de Estado é imprescindivelmente territorial, o qual não existe sem fronteiras, não sendo possível a compreensão da solidez e da potência de um poder político desvinculado da porção de terra por ele conquistada e dominada (SANTIAGO, 2014).

O caso do Ártico não é diferente, uma vez que as nações desenvolvem progressivamente um aparato militar a fim de estabelecer uma territorialização no extremo Norte do planeta, diretamente vinculada à força decisória e de influência política e econômica em uma das regiões geopoliticamente estratégicas do mundo. China, Estados Unidos e Rússia são os atores internacionais que hoje dominam as discussões a respeito da região. Em uma disputa pelo desenvolvimento e aquisição de tecnologia para a exploração, expansão de suas influências e permanência no extremo Norte do planeta, as nações constituem um cenário geopolítico regional progressivamente inóspito.

Aliado a isto, os países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN, dentre eles os Estados Unidos, desde 2008 expandem suas atividades para o Ártico. Em janeiro de 2009, a aliança realizou uma conferência sobre segurança e prospecção em Reykjavík, Islândia, para discutir o plano de atuação dos países, o que consistiu no acordo de ações cujo enfoque seriam as consequências ecológicas e as mudanças climáticas. Ao mesmo tempo, estes objetivos ambientais não excluíam o componente militar da política de atuação da OTAN na região, refletindo-se em uma série de exercícios conduzidos pela dita aliança, além dos interesses na prospecção em depósitos de recursos energéticos (KONY SHEV; SERGUNIN, 2012).

O interesse estadunidense em atuar militarmente foi declarado explicitamente em 9 de janeiro de 2009 com a assinatura do *National Security Presidential Directive 66* a respeito das políticas do país para a região. Um de seus objetivos fundadores foi a prevenção contra ataques externos que pudessem comprometer a segurança doméstica e promover a vulnerabilidade estadunidense no Polo Norte. A partir deste pressuposto, o país estabeleceu um aparato militar com um sistema de defesa antimísseis e de alerta

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

antecipado, implantou sistemas marítimos e aéreos para transporte estratégico, além de operações constantes de segurança na região, como forma de demonstrar os crescentes investimentos no aparato militar e demarcar seu entorno (KONYSHEV; SERGUNIN, 2012).

Ao mesmo tempo, as demais potências árticas têm acelerado a modernização de suas forças armadas. O desenvolvimento de novas tecnologias, incluindo embarcações construídas nos novos padrões do Código Polar³, torna-se objetivo central no debate doméstico desses países, uma vez que questões militares e econômicas estão entrelaçadas. Em julho de 2020, o Presidente Donald Trump divulgou a intenção de adquirir dez navios quebra-gelo para a Guarda Costeira dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, o governo russo pretende construir pelo menos cinco quebra-gelos do “Projeto 22220” que prometem embarcações com a maior potência convencional no mundo. Ainda que os estadunidenses venham a ser supridos tecnologicamente com a aquisição dos dez novos navios, o país ainda se encontraria significativamente atrás da Rússia em relação ao tamanho de sua frota, no final dos anos 2020.

A tecnologia dos quebra-gelos possibilita a expansão do território estadunidense para o Ártico, considerando que há o avanço sobre as fronteiras naturais, proporcionando a nova espacialização do país em seu entorno estratégico. As limitações naturais se diluem e o país passa a superar as barreiras climáticas, viabilizando sua presença constante e efetiva na região, aproximando-se da capacidade russa, hegemonicamente presente no Ártico (KONYSHEV; SERGUNIN, 2012).

Além disso, os estadunidenses deixam claro os seus interesses estratégicos sobre a região também no âmbito diplomático. Em agosto de 2019, o presidente Donald Trump anunciou intenção de seu governo na compra do território da Groenlândia, pertencente à Dinamarca, cujas terras abrigam hoje a segunda maior camada de gelo permanente do planeta, após a Antártica. A proposta, ainda que recusada pelo governo do país, gerou o estreitamento de laços entre groenlandeses e estadunidenses, proporcionando a reabertura em maio de 2020 do consulado dos Estados Unidos na capital Nuuk.

³ O Código Polar (2017) regulamenta questões relacionadas ao transporte marítimo, o que inclui os projetos, construções, equipamentos, operações, treinamentos, buscas, salvamentos e procedimentos que dizem respeito à proteção ambiental para a operação de navios em ambos os polos (International Maritime Organization)

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

De outra feita, em 29 de julho de 2020, o Departamento de Estado dos Estados Unidos anunciou a nomeação de Jim DeHart ao cargo de Coordenador do país na região do Ártico, posição que havia estado vaga por cerca de três anos, representando um conjunto de medidas que visam a aproximação com o extremo Norte do planeta. Não obstante, o anúncio do novo consultor foi realizado após a visita do Secretário de Estado Mark Pompeo à Dinamarca, na qual foi declarado um maior envolvimento dos estadunidenses no Ártico.

Ao mesmo tempo, em termos militares e estratégicos, os Estados Unidos têm a sua presença firmada a partir da Base Aérea de Thule, localizada na costa noroeste da Groenlândia. Esta é utilizada como principal ponto de alerta de mísseis, vigilância espacial, além da assistência em pesquisas científicas voltadas principalmente à redução da cobertura de gelo e às consequências visíveis das mudanças climáticas. Outrossim, torna-se imprescindível ressaltar a importância da tecnologia de quebra-gelos para a geração de força e influência de uma nação de forma a enfrentar os desafios climáticos do Ártico.

Assim, no início do mês de agosto de 2020, o presidente Donald Trump realizou a demanda aos departamentos executivos de um projeto de desenvolvimento de uma frota de navios quebra-gelos, possibilitando o reforço na presença militar do país no Ártico. Dentre as nações que dominam o cenário geopolítico da região, os Estados Unidos é ainda o país que possui a menor capacidade competitiva em termos militares, por ser detentor de apenas uma embarcação de grande porte com essa tecnologia. No entanto, mesmo com a aquisição da prometida frota de dez navios, os estadunidenses ainda estariam atrás da Rússia em termos competitivos, nação atualmente detentora de quarenta e seis embarcação da classe gelo, incluindo aquelas com tecnologia nuclear, além da China que possui dois navios em funcionamento e um atualmente em construção, como mencionado anteriormente.

Paralelamente, um dos principais objetivos militares dos russos no extremo Norte do planeta é a proteção da *Northern Sea Route* (NSR), passagem que margeia a costa russa e que, devido às mudanças climáticas e ao conseqüente prolongamento da abertura de suas águas oceânicas, já presencia uma maior atuação de nações estrangeiras.

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

Ao mesmo tempo em que os russos veem a NSR como uma via navegável pertencente ao país, a comunidade internacional interpreta a passagem como internacional.

Desta feita, como forma de criar um aparato militar e de segurança nacional no Ártico, os russos construíram uma infraestrutura de monitoramento aéreo e marítimo com radares Sopka-2 na Ilha Wrangel e no Cabo Schmidt, reforçando a ambição do presidente Vladimir Putin em aumentar a presença do país na NSR, firmando seu poder competitivo na região. Outras localidades da costa, como as ilhas de Kotelný e Novaya Zemlya, receberam a instalação de equipamentos de defesa aérea a partir dos sistemas Bastion-P e Pantsir-S1 que permitem a negação de acesso às águas árticas principalmente aos Estados Unidos, bem como à outras nações da OTAN. Além disso, a Rússia conta ainda com a presença da Esquadra do Norte baseada em Severomorsk, na Península de Kola, na região ocidental do Ártico. Esta força militar tem como principal objetivo a proteção da costa Norte do país, sendo considerada a principal esquadra russa em termos de poder de combate.

Por outro lado, as ambições militares da China no Ártico e a sua parceria com a Rússia deixam governos e políticas externas em alerta. Ainda que não tenha uma política militar clara para o extremo Norte do planeta, a região é essencial para a dissuasão nuclear do país, principalmente em relação aos Estados Unidos. Desde 2016, a projeção e construção de embarcações de capacidade polar tem sido um dos objetivos declarados dos chineses favorecendo, principalmente, a efetivação do projeto da “Rota da Seda Polar”. Tendo os russos como principais parceiros geopolíticos neste início do século XXI, os chineses desenvolvem projetos comerciais e científicos com fins civis e militares, permitindo o crescimento de seu aparato tecnológico e de parcerias internacionais que viabilizam o ganho de força do país no cenário regional.

Desta forma, como expresso anteriormente, torna-se relevante a percepção de que os âmbitos econômico, político e militar estão diretamente relacionados às questões climáticas ao tratar-se do Ártico. Além disso, uma espécie de “guerra fria polar” é criada ao ser possível observar a garantia de um aparato militar tecnologicamente forte e capaz de vencer as barreiras ambientais e firmar a permanência de um Estado. Principalmente Rússia e Estados Unidos, seguidos pela China, criam um ambiente geopoliticamente

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

competitivo e de disputas em um jogo de poder indireto que, ao mesmo tempo, acirra a viabilidade da conquista de uma hegemonia sobre o extremo Norte do planeta.

Considerações finais

O Ártico apresenta um cenário contemporâneo historicamente construído de uma geopolítica mundial de disputas por desenvolvimento de tecnologia, pessoal capacitado e segurança que sejam capazes de viabilizar a manutenção da força e permanência política das nações nesta região. Ainda que se apresente como uma barreira geográfica devido ao seu clima inóspito e características ambientais pouco convidativas, uma espécie de “guerra fria” é criada, em uma disputa pelo poder hegemônico das águas do Oceano Ártico.

Dentre estas nações, Estados Unidos e Rússia apresentam-se como as duas principais frentes de disputa em um cenário que engloba os territórios que circundam o Polo Norte, os países membros da aliança da OTAN e do Conselho do Ártico. Ainda assim, nos últimos anos, a região experienciou a aproximação dos interesses asiáticos que se constituem como os novos atores locais favorecidos, sobretudo, pelo prolongamento do período de descongelamento das passagens marítimas. Ao proporcionar um transporte mais rápido e, conseqüentemente, mais barato entre os continentes, os chineses criam projetos e iniciativas que justificam a permanência de suas forças políticas, militares e econômicas em águas estrangeiras.

Desta feita, as fronteiras entre as nações são alargadas e os limites climáticos ultrapassados a fim de que as disputas de forças sejam cada vez mais acirradas em um cenário geopoliticamente estratégico e crucial para o equilíbrio ambiental de todo o globo. O olhar sobre as ações para com a região ártica torna-se relevante na contemporaneidade e no entendimento de que as mudanças ambientais aliadas aos atores mundiais proporcionam um jogo de xadrez de forças diretamente essencial para o firmamento das relações internacionais. Se por hora esquecido pela grande mídia, o Ártico é um dos grandes focos nas discussões mundiais contemporâneas, cuja importância cresce paulatinamente.

*AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL*

Referências bibliográficas

AHMAD, Omair. *What role for China and India in the Arctic?*. 4 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.thethirdpole.net/2019/02/04/what-role-for-china-and-india-in-the-arctic/>>. Acesso em: 18 de agosto de 2020.

Arctic Council. Disponível em: <<https://arctic-council.org/en/>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

Arctic Territorial Claims. Encyclopedia Britannica Inc., 2008. 1 mapa, color.

BBC News Brasil. *Por que a compra do Alasca pelos EUA foi um dos melhores negócios da história?*. 30 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39450057>>. Acesso em: 25 de julho de 2020.

BRADY, Anne-Marie. *The Jamestown Foundation. Facing Up to China's Military Interests in the Arctic*. 10 de dezembro de 2019. Disponível em: <<https://jamestown.org/program/facing-up-to-chinas-military-interests-in-the-arctic/>>. Acesso em: 17 de agosto de 2020.

BUSH, George W. *National Security Presidential Directives. National Security Presidential Directive and Homeland Security Presidential Directive*. 9 de janeiro de 2009. Disponível em: <<https://fas.org/irp/offdocs/nspd/nspd-66.htm>>. Acesso em: 30 de agosto de 2020.

CHIVERS, C. J. *Russians plant flag on the Arctic seabed*. 3 de agosto de 2007. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2007/08/03/world/europe/03arctic.html>>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

CHNL Information Office. *NSR Shipping Traffic – Transits in 2019*. Disponível em: <<https://arctic-lio.com/nsr-shipping-traffic-transits-in-2019/#:~:text=NSR%20Shipping%20traffic%20%E2%80%93%20Transits%20in%202019&text=The%20cargo%20volume%20of%20transportation,it%20was%2010.7%20million%20tons.>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

Clube dos Poupadores. *Simulador: cálculo da inflação dólar*. Disponível em: <<https://www.clubedospoupadores.com/simulador-inflacao-dolar>>. Acesso em: 17 de agosto de 2020.

CONLEY, Heather A.; MELINO, Matthew. *Center for Strategic and International Studies. The Ice Curtain: Russia's Arctic Military Presence*. Disponível em: <<https://www.csis.org/features/ice-curtain-russias-arctic-military-presence#:~:text=In%20April%202017%2C%20Russia%20unveiled,the%20upgraded%20Nagurskoye%20air%20base.>>. Acesso em: 17 de agosto de 2020.

**AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL**

Council on Foreigner Relations. *The Emerging Arctic*. 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/interactives/emerging-arctic#!/emerging-arctic>>. Acesso em: 17 de julho de 2020.

DEMARBAN, Alex. Anchorage Daily News. *Trump administration paves way for large drilling project in Alaska Arctic petroleum reserve*. 13 de agosto de 2020. <<https://www.adn.com/business-economy/energy/2020/08/13/trump-administration-paves-way-for-large-drilling-project-in-alaska-arctic-petroleum-reserve/>>. Acesso em: 18 de agosto de 2020.

FINNEGAN, Conor. ABC News. *After Trump tried to buy Greenland, US gives island \$12M for economic development*. 23 de abril de 2020. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Politics/trump-buy-greenland-us-island-12m-economic-development/story?id=70305163>>. Acesso em: 17 de agosto de 2020.

GRINYAEV, S N; MEDVEDV, D A. *Transformation of the political and geographical space of the Arctic: an approach of postcritical geopolitics*. São Petersburgo, Rússia. IOP Conf. Series: Earth and Environmental Science v. 302 (2019)

International Maritime Organization. *Shipping in polar waters*. Disponível em: <<http://www.imo.org/en/MediaCentre/HotTopics/polar/Pages/default.aspx>>. Acesso em 24 de agosto de 2020.

JUNIOR, Joel K. Bourne. *See Russia's Massive new gas plant on the Arctic coast*. 22 de março de 2019. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.com/environment/2019/03/sabetta-yamal-largest-gas-field/>>. Acesso em: 21 de julho de 2020.

KONYSHEV, Valery; SERGUNIN, Aleksandr. *The Arctic at the Crossroads of Geopolitical interests*. Russian Politics and Law, vol. 50, no. 2, Março–Abril 2012, p. 34–54.

KOPRA, Sanna. Atlantic Community. *The Dragon looks to the North: China's growing role in the Arctic*. 4 de julho de 2019. Disponível em: <<https://atlantic-community.org/the-dragon-looks-to-the-north-chinas-growing-role-in-the-arctic/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2020.

KOPRA, Sanna. *The Arctic Institute. China and its Arctic Trajectories: The Arctic Institute's China Series 2020*. 17 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.thearcticinstitute.org/china-arctic-trajectories-the-arctic-institute-china-series-2020/>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

LASSERRE, Frédéric; PELLETIER, Sébastien. *Polar super seaways? Maritime transport in the Arctic: an analysis of shipowners' intentions*. Journal of Transport Geography 19 (2011). p. 1465-1473.

LINO, Marisa R. *The International Institute for Strategic Studies. Understanding China's Arctic Activities*. 25 de fevereiro de 2020. Disponível em:

**AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL**

<<https://www.iiss.org/blogs/analysis/2020/02/china-arctic>>. Acesso em: 17 de agosto de 2020.

Nações Unidas Brasil. *A ONU e os direitos marítimo e oceanos*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/direito-maritimo-e-oceanos/>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

National Snow & Ice Data Center. *Arctic Sea Ice and Analysis*. Disponível em: <<http://nsidc.org/arcticseaicenews/>>. Acesso em: 30 de julho de 2020.

New Internationalist. *The Arctic: A History*. Disponível em: <<https://newint.org/features/2009/07/01/arctic-history#:~:text=The%20ancient%20Greeks%20gave%20the,the%20Red%20colonized%20southern%20Greenland.>>. Acesso em: 26 de julho de 2020.

Oceans & Law of the Sea. *The United Nations Convention on the Law of the Sea (A historical perspective)*. Disponível em: <https://www.un.org/depts/los/convention_agreements/convention_historical_perspective.htm>. Acesso em: 23 de julho de 2020.

Office of the Historian. *Purchase of Alaska, 1867*. Disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1866-1898/alaska-purchase>>. Acesso em: 26 de julho de 2020.

OLSON, Tyler. *Fox News. Break the Ice: Trump ramping up US presence in the Arctic as Russia, China threats loom*. 03 de agosto de 2020. Acesso em: 05 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/politics/trump-us-arctic-russia-china?fbclid=IwAR12YXtXuwabNzcahwLVshyZDZ1INzE-IUz4u-4r4bozjHrOKiW-Nmvdco>>.

PHARAND, D. (1988). *The origins of the sector theory. Canada's Arctic Waters in International Law* (Studies in Polar Research, p. 3-11). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511565458.004

PUKO, Timothy. *The Wall Street Journal. Interior Secretary approves oil drilling in Alaska's Arctic refuge*. 17 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/interior-secretary-to-approve-oil-drilling-in-alaska-s-arctic-refuge-11597667400>>. Acesso em: 18 de agosto de 2020.

Rosatom State Atomic Energy. *Nuclear Icebreaker Fleet*. Disponível em: <<https://www.rosatom.ru/en/rosatom-group/the-nuclear-icebreaker-fleet/>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

Royal Ministry of Justice. *Treaty of 9 February 1920 relating to Spitsbergen (Svalbard)*. Oslo, Noruega.

SANTIAGO, João Phelipe. *A valorização estratégica do território na acepção Ratzeliana*, Rio de Janeiro, Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política,

**AS FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS DO ÁRTICO: NOVO CENTRO DE DISPUTAS PELA
HEGEMONIA GLOBAL**

Geopolítica e Gestão do Território, Outubro 2014. Porto Alegre: Editora Letra1; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014, p. 159-170. ISBN 978-85-63800-17-6

SILVA, Alexandre Pereira da. *A China também olha para o Ártico*. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais. – v. 3, n. 6, p. 95-117, Jul./Dec. 2014.

SHARP, Greg. The Arctic Institute. *A Brief History of the Lines in the Arctic*. 20 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.thearcticinstitute.org/brief-history-lines-arctic/>>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

STAALSEN, Atle. *The Barents Observer*. *Arctic shipments to Asia grow as LNG carriers shuttle to eastern markets*. 17 de julho de 2020. Disponível em: <<https://thebarentsobserver.com/en/industry-and-energy/2020/07/arctic-shipments-asia-grow-lng-carriers-shuttle-eastern-markets>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

STAALSEN, Atle. *The Barents Observer*. *Tanker crosses Russian Arctic route without icebreaker assistance*. 27 de maio de 2020. Disponível em: <<https://thebarentsobserver.com/en/industry-and-energy/2020/05/tankers-cross-russian-arctic-route-without-icebreaker-assistance>>. Acesso em: 17 de julho de 2020.

TREVITHICK, Joseph. *The Drive*. *Trump says he's working to get 10 more icebreakers for the Coast Guard from "A Certain Place"*. 10 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.thedrive.com/the-war-zone/34751/trump-says-hes-working-to-get-10-more-icebreakers-for-the-coast-guard-from-a-certain-place>>. Acesso em: 24 de julho de 2020.

UNITED Nations Convention on the Law of the Sea. 10 dezembro 1982. Disponível em: <https://www.un.org/Depts/los/convention_agreements/convention_declarations.htm>. Acesso em: 12 de janeiro de 2021.

World Weather Attribution. *Siberian heatwave of 2020 almost impossible without climate change*. 15 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.worldweatherattribution.org/siberian-heatwave-of-2020-almost-impossible-without-climate-change/>>. Acesso em: 30 de julho de 2020.

Recebido: 01 de setembro de 2020

Aceito: 08 de janeiro de 2020

Publicado: 05 de fevereiro de 2021